



ALQUIMISTAS DO TEMPO ECOLÓGICO: PERTENCIMENTO, MEMÓRIA E AÇÃO CLIMÁTICA JUVENIL



Gabriela Alves

Instituto Perifa Sustentável e
do Gota do Oceano Lab

Segundo o IPCC (2023), a temperatura média já atingiu o ápice irreversível de 1,1 °C acima de todos os níveis que acompanhamos até então. Dos 35 parâmetros-limite do nosso planeta, cerca de 25 deles já ultrapassamos (RIPPLE et al., 2024); e atualmente existe uma média de 3,6 bilhões de pessoas vivendo em contextos de alta vulnerabilidade climática.

Todos esses dados científicos que hoje lemos em muitos materiais apontam para um grande dilema na dinâmica social entre: arcar e compreender as consequências desses problemas socioambientais em um futuro próximo e a paralisia de se viver em uma crise climática no presente.

A psicanalista e antropóloga Mariana Leal de Barros (2024) ousou em renomear o processo da crise climática para uma ‘metamorfose climática’. Ela defende que as repetições dos colapsos, das enchentes, dos deslizamentos podem ativar mecanismos psíquicos de defesa que naturalizam o sofrimento e

paralisam a ação, não necessariamente por indiferença, mas sim porque gera um desconforto insuportável a essas constantes ameaças (Leal de Barros, 2024).

E mesmo diante dessa crise, ela ainda não é sentida da mesma forma em todos os lugares. As favelas não foram uma construção do acaso; na verdade, esses espaços geográficos marginalizados são resultados de um processo onde o racismo institucional foi atrelado à injustiça social. Esse racismo estrutural produziu as favelas, onde não houve apenas ausência de planejamento urbano, mas também uma forma de excluir negros e pobres de ‘viver a cidade’ tão sonhada que a burguesia queria.

A questão é: como os jovens vivem e lidam diante de tanta vulnerabilidade tendo em vista a reprodução de tantas vulnerabilidades socioambientais?

A juventude periférica, e especialmente as mulheres negras das favelas, nunca esperou que as agendas climáticas chegassem até

elas. Elas leem a crise tendo como quase reflexo inicial a gestão de como ativar sua rede de apoio pensando em amparo depois de, por exemplo, um córrego transbordar ou quando a chuva começa a ameaçar a segurança delas e precisam fazer a mobilização para não correr riscos de deslizamentos. Sempre preocupadas nas formas de se manter vivas nessa metamorfose climática¹, resgatando inclusive tecnologias para se manter bem.

Esse movimento segue uma lógica de tempo que o símbolo Adinkra Sankofa traz: o pássaro mítico do povo Akan da África Ocidental que mostra que para voar, sua cabeça precisa estar voltada para trás, levando os aprendizados de seus antepassados, para assim gerar um futuro, que é simbolizado pelo ovo em seu bico (Nascimento; Gá, 2022). É com esse aprendizado no mito que a juventude periférica faz o seu caminho de resistência em meio ao caos.

E foi também a partir desse chão que proponho neste artigo o conceito de alquimistas do tempo ecológico: jovens periféricos que transformam a precariedade em competência política, onde fazem da experiência vivida uma ferramenta de ação e que provam, na prática, que os territórios que mais sofrem a crise são também os que primeiro desenvolvem respostas ou elaboram arte para viver com as boas perguntas.

O Instituto Perifa Sustentável é um desses atos da juventude. Fundado em 2019 por três jovens mulheres negras periféricas — Amanda Costa, Mahryan Sampaio e Gabriela Alves (duas delas da Brasilândia e Jaraguá) —, o instituto nasceu de um inconformismo compartilhado entre elas; de se recusar a viver na paralisia, nas tantas ausências de políticas públicas e na expectativa de encontrar outras jovens meninas que também se perguntavam por que não podiam ter um parquinho no seu bairro como viam na televisão.

O que uniu essas três jovens e faz o coração do Instituto pulsar é a metodologia para

engajamento a partir dos sonhos que desenvolvi. Nela, a fórmula é despertar, por meio da memória individual entrelaçada com a memória do bairro (coletiva), um ponto em comum de sonho coletivo; isso para que se gere o pertencimento necessário para implementar qualquer ideia.

Pertencimento como ponto de partida: por que tudo começa com um sonho?

O filósofo e ativista quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023) entende o território como um corpo vivo, tecido por ancestralidade, práticas comunitárias e vínculos afetivos. Na sua perspectiva, resistir significa recriar vínculos, reconstruir comunidades. E é daqui que entendemos como o pertencimento nasce do vínculo.

Gosto de chamar esse ponto de semente do inconformismo, pois ela pode ser achada por meio de perguntas norteadoras, como: o que te incomodava olhando ao redor quando era criança? O fato de perguntarmos algo nesse sentido é para reconhecer a existência desse jovem.

Segundo Lima et al. (2024), pesquisas com jovens negros e negras de bairros periféricos revelam um horizonte limitado na definição de projetos de vida, marcado justamente pela desigualdade econômica e simbólica. Ou seja, nossos jovens sonham menos nas favelas. Inclusive, movimentos juvenis populares são sistematicamente condenados à invisibilidade, balizados por noções de desvio e desumanidade (Takeiti & Vicentin, 2016); espaços de luta onde esses jovens raramente são perguntados sobre o que sentem, o que sonham, o que os incomoda.

Do sonho à ação: como o Perifa transforma incômodo em movimento

É por isso que nenhum projeto do Perifa começa com uma solução, mas sim com boas perguntas. O Clima de Quebrada (2023) não chegou às salas de aula com um currículo fechado sobre mudanças climáticas; foi primeiro mapeado: o que você vê de errado ao redor? Entre 2021 e 2023, essa pergunta foi feita no CEU Paz na Brasilândia, alcançando cerca de 300 a 500 alunos.

1 - Termo utilizado por Mariana Leal de Barros (2024) para nomear o processo de transformação da crise climática em algo que altera estruturalmente os modos de vida e percepção da realidade.

O Vozes Climáticas (2024–2026) levou essa lógica para o âmbito político. Criado para jovens negros, indígenas e quilombolas entre 18 e 24 anos moradores de periferias de São Paulo, o projeto combinou formação em comunicação e produção audiovisual com processos coletivos de criação de campanhas públicas, o que resultou, entre outras ações, na elaboração de cartas-compromisso climáticas dirigidas a candidatos à Prefeitura de São Paulo e à COP30. O sonho de ser ouvido ganhou escala e hoje é uma rede ativa de jovens que criam projetos.

O Muçurana foi a expressão mais horizontal dessa arquitetura. Funcionando como rede de articulação entre coletivos juvenis de diferentes territórios, entre 2022 e 2024 articulou cerca de 10 coletivos de diferentes regiões da cidade, envolvendo diretamente mais de 60 moradores em processos formativos e ações territoriais. E o ‘Ayê – Mulheres para a COP 30’ foi o gesto mais simbólico dessa trajetória, pois preparou mulheres negras periféricas para participarem de espaços nacionais e internacionais de governança climática. Em 2025, suas participantes foram convidadas pelo Ministério da Igualdade Racial para atuarem como mentoras no programa Kala-Tukula.

Conclusão

A frase de Chico Science — “que eu me organizando posso desorganizar” — sintetiza bem o sonho que foi criar o Perifa. Jovens nos territórios não precisam esperar que as políticas públicas cheguem até eles para agir; eles já pressionam com múltiplas ferramentas para que isso chegue mais rápido e para todos, pois comprovamos que quando há pertencimento, quando o inconformismo é reconhecido como semente e não como problema, há Sankofa de um futuro sem deixar a ancestralidade para trás.

O conceito de alquimistas do tempo ecológico nomeia esses jovens que não esperaram a crise ser resolvida para criar dentro dela, que não pedem licença para transformar a vivência em competência, que aprendem com Nego Bispo que envolver-se com a terra é mais poderoso do que desenvolver-se sobre ela, e que carregam no gesto cotidiano a sabedoria dos ancestrais.

O Perifa Sustentável nasceu assim. Três mulheres negras, vindas das margens de São Paulo, leram a crise climática e transformaram esse sentimento em método e movimento. E o bom disso é que essa história, por mais que seja incrível, não é única. A cada dia mais outras iniciativas vindas de jovens inconformados continuam a fazer Sankofa.

Referências

IPCC – PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇA DO CLIMA. Mudança do Clima 2023: Relatório Síntese — Sumário para Formuladores de Políticas. Genebra: IPCC, 2023.

LEAL DE BARROS, Mariana. Metamorfose climática: defesas psíquicas e paralisia coletiva diante da crise ambiental. São Paulo: [s.n.], 2024.

LIMA, Flávia et al. Violência e vulnerabilização: o cotidiano de jovens negros e negras em periferias de duas capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, e04402023, 2024.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos*. São Paulo: Cobogó, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Jovens (en)cena: arte, cultura e território. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 25–37, 2016.